



650.º SARAU

T e a t r o

Municipal

SEGUNDA-FEIRA

17 de Outubro de 1949

Às 21 horas

SARAU COMEMORATIVO

do centenário da morte de

FREDERICO CHOPIN

(ocorrida em Paris, em 17 de Outubro de 1849)

a cargo do insigne pianista alemão

WILHELM KEMPF

PROGRAMA - CHOPIN

I

1. Polonêsa - Fantasia, em Lá-bemol maior, op. 61
2. Prelúdio em Ré-bemol maior, op. 28
3. Mazurka em Fá menor, op. 7
4. Valsa em Dó sustenido menor

II

5. Sonata em Si-bemol menor, op. 35
Grave - Doppio movimento
Scherzo - Marcha fúnebre - Finale

III

6. Impromptu - Lá-bemol maior, op. 26
7. Impromptu - Sól-bemol maior, op. 51
8. Impromptu - Fá sustenido maior, op. 36
9. Impromptu - Dó sustenido menor (póstumo)



WILHELM KEMPF

O célebre pianista e compositor alemão nasceu em Jüterborg, em 25 de novembro de 1895. Foi aluno de seu pai e dos famosos professores Barth e Kahn. Desde muito cedo foi revelando raras dotes musicais, acabando por impôr-se, definitivamente, à admiração de seus mestres e do público. Em 1917, com 22 anos de idade, conquistou bravamente os dois prêmios "Mendelssohn" então instituídos. Desde 1916, porém, é conhecido e considerado como um dos maiores virtuosos do mundo. De 1924 a 1932 foi diretor do Hochschule für Musik, de Stuttgart. Como compositor, sua produção compreende uma Sinfonia, uma Suite orquestral, um Concerto para piano, um Quarteto para cordas, uma Sonata para violino, além de diversas sonatas e peças para piano.

"POEMA DA MORTE" (Sonata, op. 35)

A "Sonata em Si-bemol menor", cognominada "Poema da Morte", é uma dessas obras que passaram definitivamente para o patrimônio artístico da humanidade. A intensidade da emoção, o grande poder sugestivo e, sobretudo, a universalidade dos sentimentos que encerra, colocam-na na mesma altura de certas grandes páginas de Bach, Beethoven e César Franck.

Destaca-se ela, na obra de Chopin, com um valor todo especial, de exceção na sua estética eminentemente individual, porque o gênio sabe encontrar o seu caminho e manifestar-se com a grandiosidade necessária, quando em contacto com o eterno fundo humano que todo grande artista traz em si.

Um dos autorizados biógrafos de Chopin, o insigne Elie Poirée, assim se refere a essa obra: "A Sonata em Si-bemol menor" data, muito provavelmente, da crise terrível de 1838, na qual a moléstia apareceu repentinamente, esmagando o artista por longos meses — antes, durante e depois da viagem às Baleares. Não é o poema do Sofrimento, mas o poema da Morte, cujo estremecimento ele sentiu, então, no seu corpo martirizado. E a essa Morte, idéia cada vez mais obcecante, Chopin consagrou quatro cantos, os quatro tempos da Sonata.

O poema, uma verdadeira epopéia, inicia-se numa atmosfera de terror. O "allegro" apresenta inicialmente um motivo de ritmo arquejante, entrecortado e breve, como um gesto de repulsa brusca e aterrorizada, seguido depois de um pensamento calmo, grande e nobre no começo, elevando-se, mais tarde, em soberbo impulso de lirismo. O desenvolvimento desses dois elementos, um pouco restrito, principalmente no fim, é, ainda assim, belíssimo, e a escrita de notável audácia harmônica.

O "scherzo" forma o segundo canto do poema. É ainda, no início, um efeito análogo de perseguição e de fuga desvairada. A Morte gira numa sala de baile, cujos ecos, às vezes vivos e animados, às vezes vagarosos, nos chegam envolvidos em graça langorosa. E, enquanto a melodia canta, doce e penetrante, vozes graves murmuram, sobre acordes alternados, numa perturbadora psalmodia. A melodia se cala por um instante, e com ela as vozes; mas, desde que recomeça, as vozes misteriosas recomeçam também...

A Morte triunfou afinal. Gloriosa, magnífica, recebe a homenagem de uma multidão reverente, que amanhã, ou talvez hoje mesmo, será cortada com o fio aguçado da sua foice. Este triunfo da Morte, terceira parte do drama, é a admirável marcha fúnebre, mundialmente conhecida. Os dois acordes alternados, elemento principal do acompanhamento, são um achado de harmonia absolutamente genial. Soam os dobres fúnebres, e o cortejo se põe em movimento. O motivo da marcha é soberbo, de um ritmo seguro, com uma linha que vai sempre para a frente, sem rodeios, sem hesitação, exprimindo o implacável destino humano. A multidão diminui a marcha. Então, por entre as ondas de incenso que sobem das notas graves, um canto se eleva. Não é uma préce, nem um hino religioso: é um queixume suave, um resignado apelo, uma aspiração de esperança feita. A melodia — uma melodia "à Chopin" — tem grande emoção e lirismo, mas não vale a da marcha. Este trecho foi composto antes dos demais da Sonata. Se a correspondência não o revelasse, te-lo-íamos adivinhado pela escrita, muito mais calma do que o que precede e, sobretudo, do que virá a seguir. A opinião de Schumann, preferindo aí um belo "largo", é pouco compreensível, pois a marcha foi a idéia inicial, a ocasião da sonata, da qual é o centro, e, a nosso vêr, a única razão de ser.

O quarto canto, o final, por muito tempo foi considerado monstruoso, uma insensatez. Entretanto, essa imensa passagem, semelhante, porém mais selvagem, a outra dos Estudos, este largo gesto que, por alguns minutos, vai varrer o teclado com suas oitavas furiosas, em uníssono e sem forma apreciável, é talvez a página mais ousada que se tenha escrito em música. A Morte mostra-se aí com o realismo atroz de sua força brutal, que tudo destrói e tudo arruina. É a maldita, a quem ninguém escapa. O último esforço de Manfredo expirante fazia subir aos seus lábios a espuma sanguinolenta de um insulto, de uma blasfêmia; esta última página da obra de Chopin causa vertigem, abre o abismo onde o sêr, ainda cheio de força e de vida, vai desaparecer e aniquilar-se para sempre. A Morte, como tema lírico, inspirou todos os grandes poetas, mas nenhum, talvez, a exprimiu em termos tão impressionantes."